

QUE HÁ-DE SER DE NÓS?

A distância está na cabeça, livre dos mecos à beira-estrada. Quando visito as Astúrias, sinto-me em viagem, para lá dos Pirenéus é a outra face da Lua, mergulho nas cabinas telefónicas várias vezes por dia, preciso de ter a certeza de que o Porto e as pessoas (?) ainda existem. Com a Galiza é diferente, dir-se-ia a Casa no Campo da canção da Elis Regina, busco sempre espaço e tempo, mas ao virar da esquina, vou ali e volto. Escrevi lá a Tese, a barba por fazer e vinho rasca pelas malgas de Portonovo; ensaiei lutos e momentos felizes; vi os putos crescer a chapinhar na ria e sonhei um casamento diferente, que me permitisse gozar a dois as livrarias de Santiago; acabei por me habituar às *nieblas* e à ternura rude de Dora, minha anfitriã, «D. Julio, los hombres no se deben quedar solos». O marido e os filhos não se atrevem a contrariá-la, porque seria eu o kamikaze? Em Areas, o matriarcado é indiscutível.

Os homens são pulhas, está bom de ver que já a traí. No Verão, a ria de Pontevedra torna-se insuportável, casino na Toxa, Iglesias no iate, meio Porto em Sanxenxo (a outra metade fica em Moledo). Receoso do mau feitio da Dora, solidário com o seu ciúme, acelero em Pontevedra e passo à clandestinidade. Descobri Muros assim, à revelia de portuenses e galegos, fechado na concha.

Sempre fui um masoquista interesseiro, adoro voltar e descrever em pormenor cada desgraça; coleciono furos, hotéis sem água quente, restaurantes caros e maus, estradas sem saída. Megalómano, rosno «isto só a mim», com a volúpia do ateu a quem o Senhor decidiu punir carinhosamente, tanto azar desafia a lei das probabilidades.

Vem do Alto, sem a menor dúvida. Por isso demandei o hotelzito com a firme certeza de ouvir o «completos» da praxe. Não estavam, pior ainda!, poderia escolher entre dois quartos de características diferentes e preço semelhante. Odeio o livre-arbítrio, arrependo-me sempre, aparecem defeitos escondidos e vantagens ignoradas, os quartos de hotel devem ser rigorosamente iguais, com uma pequena margem de manobra para o cliente. Mínima. Escolher o pequeno-almoço, regular o ar condicionado e pôr o dístico de «não incomodar», que tanto irrita empregadas com pressa e aspiradores sádicos.

Preparei-me para utilizar o método do vinho: uns segundos na boca, expressão sonhadora e ignorância crassa, «pode servir». Não foi preciso, apaixonei-me por um dos quartos mal o vi. Tinha sido roubado às águas-furtadas, subia-se por escada em caracol até uma saleta que dava para a varanda (sujota) pendurada sobre a ria. Tectos às três pancadas, clarabóia, fosse eu escritor e não saía dali sem obra feita. Duas camas de solteiro, resolutamente distantes e pregadas à parede. Recordei protestos ferozes, «não sabias pedir uma cama de casal?», é bom quando nos puxam as orelhas e obrigam a pensar nos pequenos nada, indispensáveis ao amor. Dessa vez, apenas silêncio, mas não de alívio. Pesado, de tanta ausência.

A saleta continuou a dormir, em face do talento inexistente, mas a varanda pagou-as todas. De acordo, não era limpa, fazia lembrar, estranhamente, aqueles pátios onde aterram os caprichos dos vizinhos, seráficos em reuniões de condomínio. «Eu? Talvez a senhora do terceiro andar.» Acusação injusta, mas quem a mandou faltar? Restos de outros clientes, preguiça das empregadas, tudo esquecido e perdoado à vista da ria, lânguida, passeando-se entre Noia e Finisterra. O fim da Terra... Dava que pensar, a Terra não é chata, mas os homens continuam supersticiosos. O fim da Terra... Um presságio. Muros soava melhor, mais sólido e protector, decidi ficar uns dias.

A rotina invade tudo, mesmo férias terapêuticas. Sou um típico banhista de esplanada — leio até me cansar; desato a pensar no que não devo; angustio-me; em desespero de causa, volto a ler, as linhas passam, opacas. Como *gambas al ajillo*, bebo *cañas*, explico que a tortilha à espanhola em Portugal é mais rica, não se fica por ovos e batatas. Vegeto, sempre na esperança de uma acalmia neuronal, as

pessoas gabam-me a cor morena e eu respondo com a graça de há vinte anos: «É sujidade.»

Quando entrei no restaurante já sabia, mas cumpri o ritual até ao fim, espreitei o primeiro andar. Cheio. Cinco minutos, a lengalenga do costume, «que están terminando». Sorriso de plástico, meia-volta. Um sotaque londrino atrás de mim: «No need to go away, take a seat.» Alto, loiro como a sua Albion, sorriso rasgado. Por companhia, três canecas e dezenas de camarões à sua frente; destruídos. Os bichos decapitados e os restos de espuma, traídos pela cerveja desaparecida, explicavam a bonomia, talvez até o convite.

Fui um aluno problemático no Instituto Britânico, a boa da Mrs. Andrade arreperava-se com a selvajaria da minha pronúncia, cruzamento rafeiro de discos dos Beatles e fitas americanas, «Have you ever noticed the way your mother speaks English?» Claro que notara o «English» de minha Mãe, saído de Cambridge sem nunca lá ter passado, tão puro que um motorista de táxi em Londres lhe perguntara de que país vinha. Académico, suponho eu. Cá por mim, vasculhei o Sul de Inglaterra com infinito gozo, sem pôr esses na terceira pessoa do singular e distribuindo palavrões ensinados por uma israelita do colégio, investigadora obsessiva das maiores atrocidades nas mais diversas línguas. Foi um negócio honesto, no fim do Verão praguejava maravilhosamente à moda do Porto. Folkestone, o canal, a escola, suecas e alemãs ao vivo, aos dezasseis anos as férias não são terapêuticas, é nas aulas que se descansa.

Fiz um esforço, recuei às brumas da memória: «That is very kind of you, but I would not want to bother you.» A gargalhada era contagiante, genuína, o formalismo impedira-me de perceber os sinais de tristeza, espalhados com as migalhas. «Good Lord, I am perfectly capable of spoiling my dinner without your help!» Realmente. O jantar não devia ter sido famoso, a ausência de talheres fez-me suspeitar que o marisco se limitara a desempenhar o papel de tremoços e amendoins; escoltara a cerveja.

Estava toldado de um modo assaz britânico, o arrastar da voz podia passar por snobismo, atravessámos, incólumes, apresentações e comentários ao «fine weather». Feliz coincidência, seguia precisamente à descoberta de Portugal, amigos à sua espera em Porto Covo, conhecia eu? Só de disco, mas lá repeti a descrição de alunos cora-

josos à aventura pelo Alentejo, pensões manhosas de quartos comunitários. Sacos-cama. Números ímpar sem desgosto, nem só de namoros vivem as férias, «bebe-se bem o maduro lá de baixo». Eu, em direcção contrária, provisoriamente até ao fim da Terra, quem me iria esperar num sítio desses?

Pedi um peixe, como alibi, e meia garrafa de Rioja. Se o peixe não lhe disse nada, já o Rioja lhe abriu manifestamente o apetite; onde se viu, duas meias garrafas! Péssimo negócio em qualquer parte do mundo, sai mais caro, mas nenhum de nós tinha lágrimas disponíveis para pesetas. O vinho desempenhou o seu papel, nunca me deixo surpreender pelo efeito de graduações alcoólicas, decido-o antes. Precisava de me sentir tocado, fiz-me a vontade.

Bem mais jovem, o malandro! Vinte e oito anos, licenciado em História. Salivei de inveja, imagino sempre anfiteatros a meia-luz e uma dúzia de alunos atentos: «Farto da insónia e amado pelo povo, roído pela sífilis e pelo desgosto, saía D. Pedro a bailar pelas noites de Lisboa...» Era um homem culto, sem ostentação, para ele a História não dispensava o estudo dos trajectos pessoais de actores secundários, estávamos próximos. Passeou-se pela Antropologia e sorriu, divertido, ao citar o nome de Malinowski. Lá expliquei (ainda gravo uma cassette!) que não sou psicanalista. Se o fosse, tentaria ser discípulo de Freud e não seu adepto, como dizia Lorenz, guardo as minhas fidelidades acéfalas para o Benfica. Por isso, tudo bem, sou alheio à controvérsia acerca da universalidade da situação edipiana, estou-me nas tintas. Embora ache que Malinowski simplificou demasiado a questão, mas *who cares?*

Por essa altura já nos despedíramos de Rioja e tasco, encetáramos uma travessia cambaleante da povoação. Propus-lhe uma última cerveja na varanda, prova insofismável do meu estado, as misturas liquidam-me sistematicamente. Estudou os meus aposentos com placidez, antes de mergulhar nas luzes da ria, preguiçosas, a caminho da pesca em alto-mar. Abriu a lata com um gesto brusco e a voz saiu rouca de tristeza, não de álcool: «You're not supposed to be alone in a place like this.» Já tinha alguns anos de Psiquiatria em cima, calei-me; falava para si próprio. Eu viria depois.

As amizades sem amanhã têm o condão de desatar línguas, como se a certeza da partida do outro, do seu não regresso, apesar de con-

vites de circunstância, nos desse a garantia de privacidade. Longe de esquinas e caras familiares trocam-se confidências inimagináveis, libertos do fardo de monólogos exasperantes. O outro concorda, solene. Às pessoas com quem discutimos ferozmente na cabeça, dia após dia, quilómetro após quilómetro, calamos os argumentos dentro de nós, traduzimo-los «à maneira». Depois, pouco a pouco, já seguros do cúmplice em frente, concedemos o benefício da dúvida, assumimos culpas e saudades, somos sinceros.

Também ele partira furioso, gritos separados por portas batidas. A fúria durara até Calais, tivera sorte, eu já vinha arrependido na recta da Póvoa. E agora ali estava, pronto a trocar Portugal e os amigos, o sol e o marisco, por mãos à volta da cintura e avisos furiosos: «You're going too fast, will you please slow down?» O sorriso envergonhado, a moto era sempre um pomo de discórdia, vício antigo, os carros roubavam-lhe o vento na face.

Ficámos assim horas, trocando queixas oficiais e projectos clandestinos, através do outro pedindo desculpa a saias não tão inocentes como isso. Mas a distância... De quando em vez, o sobressalto, que se trame, nem sei por onde e com quem anda. Fogachadas. Basicamente, não estavam ali. «Not to be, that was the question.»

Partiu. Sem a banalidade e o mau gosto de um convite distraído, fiquei-lhe grato. O álcool dava-lhe um andar de marinheiro em terra, à medida que desaparecia rumo a outro hotel, outro quarto, outra insónia. E à moto que o levaria à falésia de Porto Covo. Quanto a mim, as camas eram deprimentes de tão disponíveis. Peguei em duas ou três cassetes e regressei à varanda. O som do gravadorzito era roufeno, mancava de vez em quando, as pilhas velhas ou ensonadas.

Como nunca antes, a canção do Sérgio e do Ivan Lins abriu-se, uma flor selvagem e transparente — que há-de ser de nós? De mim, do historiador e da sua bióloga ruiva, da outra. Discutir, bater, amuar naquela varanda, tudo menos o silêncio, cansado de batalhas que nos fazem esconder e não partir à aventura. Corpo ausente, reencontrar lágrimas e riso, já fizemos tanto e tão pouco... Os versos ainda corriam, duros, por entre neurónios sedentos de choro e já o Sérgio cantava «O Porto aqui tão perto». Desliguei, invocando a degradação das pilhas. O canto da sereia, voltar atrás e partir de novo, a dois, que há-de ser de nós se o não fizermos?